

CONTRA AS BARBÁRIES DE ONTEM E HOJE: NOTAS CRÍTICAS SOBRE A (IN)SENSIBILIDADE HUMANA E A BANALIZAÇÃO DO MAL À LUZ DA OBRA “MAUS”, DE ART SPIEGELMAN

Thais Serafim Oliveira¹; Anália Beatriz Correia de Moraes²; Emmanoel de Almeida Rufino³;

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, thais.serafim@outlook.com¹; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, analiabcml@gmail.com²; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br³.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os relatos das experiências apresentados na obra “Maus”, de Art Spiegelman, que faz despontar, por sua vez, a problemática da barbárie associada ao fenômeno da insensibilidade e da banalização do mal. Este estudo dispõe-se a responder a seguinte problemática: como os relatos apresentados na obra “Maus” de Art Spiegelman podem nos suscitar uma postura crítica sobre a insensibilidade humana e a banalização do mal nos fenômenos de barbárie que nos são contemporâneos, seja enquanto fato, seja enquanto possibilidade? Diante dessa problemática, organizaremos o desenvolvimento da análise deste estudo em duas etapas específicas: primeiramente investigaremos como em sua exposição do fenômeno do holocausto – a obra “Maus” nos revela experiências de insensibilidade humana e banalização do mal promovida pelos nazistas nos campos de concentração; em seguida, analisaremos os conceitos de insensibilidade e de banalização do mal, a partir da perspectiva de Walter Benjamin e Hannah Arendt, pensando-os como eixos críticos da experiência de barbárie promovida no Holocausto. Concluindo, a partir das notas críticas que tecemos, que é de extrema necessidade investigar e tentar compreender o fenômeno da barbárie do holocausto, pois hodiernamente não estamos isentos de presenciarmos atrocidades semelhantes a do passado, tendo em vista o mundo líquido em que vivemos, a banalização das coisas tem acarretado um grande desequilíbrio nas relações sociais, pois tudo tem se tornado muito banal, a violência tem se tornado algo comum, e a falta de experiência faz com que nossa sensibilidade seja mortificada, normalizando atrocidades similares ou piores as do holocausto.

Palavras-chave: Banalidade, barbárie, experiência, insensibilidade, holocausto.

INTRODUÇÃO

Setenta e dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o fenômeno do holocausto parece, agora mais do que nunca, ainda estar presente entre nós. Ao analisarmos as práticas dos indivíduos que participaram e contribuíram na execução deste projeto funesto, podemos perceber o quanto as atitudes da sociedade daquela época são análogas a muitas da atualidade; as mesmas sementes de barbárie que foram plantadas e cultivadas no período da Segunda Guerra Mundial – gerando realidades como o Holocausto nos campos de concentração – continuam sendo lançadas hodiernamente e dando seus frutos. Essa realidade se reproduz especialmente quando vemos serem fomentados dois

fenômenos que fertilizaram a barbárie supracitada: a insensibilidade e a banalização do mal.

O conceito *banalidade do mal* foi criado por Hannah Arendt para tentar explicar as práticas nazistas, em referência especial aos crimes cometido por Adolf Eichmann (oficial nazista julgado – no pós-guerra – por administrar a logística e transporte de milhões de judeus para os guetos e campos de extermínio). Esse conceito está atrelado sobremaneira ao fenômeno da insensibilidade. De acordo com Andrade (2009, p. 2):

A personalidade de Adolf Eichmann foi um dos pontos mais controvertidos enfrentados por Hannah Arendt, que o considerava um novo tipo de criminoso, um *hosti humani generis* (inimigo do gênero humano), participante de um novo tipo de crime: assassinatos em massa num sistema totalitário. Esse novo tipo de criminoso só pode ser entendido a partir de uma nova profissão: o burocrata.

Para um burocrata, a função que lhe é própria não é a de responsabilidade, mas sim a de execução (ANDRADE apud CORREIA, 2004, p. 93). Daí a reiterada asserção burocrática: eu só cumpro ordens. Esse foi o principal argumento de Eichmann: “Não sou o monstro que fazem de mim. Sou uma vítima da falácia” (ARENDR, 1999, p. 269).

Apresentando-se como um homem aparentemente inofensivo, Eichmann não era nada do que as pessoas esperavam; ao recepciona-lo no seu famoso julgamento, pensavam que ele se manifestaria como um ser monstruoso, truculento, incapaz de manifestar afeições. Porém, ele revelou ser um homem manso, cortês com seus julgadores e amável com seus filhos e esposa, de modo que quem o via nessas circunstâncias não acreditava ter sido ele capaz de tamanhas atrocidades. Segundo Arendt (1999) o argumento mais utilizado por Eichmann foi o de que ele estava apenas cumprindo ordens – essas que jamais ousou questioná-las, ou sequer refleti-las, o que pode nos revelar ter sido essa ausência/carência de reflexão humanística uma das muitas razões que viabilizaram o sucesso do nazismo.

Considerando que a obra “Maus”, de Art Spiegelman, nos descreve bem este processo e apresenta de forma detalhada as atrocidades cometidas pelos nazistas, explicitando o quão insensíveis e incapazes de empatia eles eram, ao transformarem crimes hediondos em algo comum/banal, é fundamental tentar compreender a mentalidade de homens e mulheres que venham a reproduzir esse comportamento manifesto na figura de Eichmann, para que eventos semelhantes ou piores do que o holocausto sejam evitados.

Diante das questões que expusemos, este estudo se dedicará a resolver a seguinte problemática: Como os relatos apresentados na obra “Maus” de Art Spiegelman podem nos suscitar uma postura crítica sobre a insensibilidade

humana e a banalização do mal nos fenômenos de barbárie que nos são contemporâneos, seja enquanto fato seja enquanto possibilidade? Assim provocados por esta problemática, o objetivo maior dessa investigação será analisar as experiências narradas na obra “Maus”, que, segundo cremos, revelam bem as configurações da problemática da barbárie que tange, por sua vez, o fenômeno da insensibilidade e da banalização do mal.

Para atingirmos esse propósito geral, organizaremos o desenvolvimento da análise deste estudo em duas etapas específicas: primeiramente investigaremos como – em sua exposição do fenômeno do holocausto – a obra “Maus” nos revela experiências de insensibilidade humana e banalização do mal promovida pelos nazistas nos campos de concentração; em seguida, analisaremos os conceitos de insensibilidade e de banalização do mal, a partir da perspectiva de Walter Benjamin e Hannah Arendt, pensando-os como eixos críticos da experiência de barbárie promovida no Holocausto.

Sabemos que tais reflexões despontam com urgência ao presente, já que mesmo após anos do fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo não se encontra liberto de barbaridades similares ou piores. Nos dias de hoje ainda somos espectadores de atos bárbaros que se repetem no cotidiano, renovando a banalização da vida humana, outrora insigne ao Holocausto nazista. Com o avanço do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, vemos quase sempre em tempo real cenas/notícias diversas que nos fazem suspeitar – junto a autores como Theodor Adorno (1995, p. 29) – que as raízes que nos levaram a Auschwitz não foram sepultadas no passado, mas ainda nos são contemporâneas, de modo que precisamos elaborar o passado, revisitando criticamente experiências como as relatadas na obra “Maus”, para que não repitamos os mesmos erros funestos da barbárie.

Assim cremos revelar-se destacadamente a relevância social deste estudo, ainda que junto a Zygmunt Bauman lembramos, por exemplo, que “o holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura” (1998, p. 12).

Tendo em vista as discussões que adornam a problemática supracitada, anunciamos que nossa abordagem é academicamente relevante, pois apesar de tocar num tema muitas vezes visitado criticamente, de um modo novo iremos pensar a narrativa da obra literária “Maus” de Art Spiegelman — abrindo uma nova reflexão a partir dos conceitos de *banalidade* do mal de Hannah Arendt e *experiência* de Walter Benjamin. No âmbito social, nosso estudo amplia as percepções críticas a respeito deste tema tão

delicado e de extrema importância para o presente, por não parecer estar sepultado no passado, já que sua dinâmica persiste em fatos sociais que nos são contemporâneos. Assim, nosso estudo crê – na esteira de Theodor Adorno – que:

É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos (...) (ADORNO, 1995, p. 54).

METODOLOGIA

A presente pesquisa assume uma tipologia teórica, fundada numa abordagem bibliográfica. Tendo em vista os objetivos específicos que delimitamos, organizamos as estratégias metodológicas de nosso estudo da seguinte forma: no primeiro momento de nossas investigações, analisaremos as experiências do fenômeno do holocausto em que despontam a insensibilidade humana e a banalização do mal, relatadas na obra em quadrinhos *Maus: a história de um sobrevivente* de Spiegelman, Art (2009). No segundo momento, apresentaremos a perspectiva dos autores Walter Benjamin e Hannah Arendt, sobre os conceitos de insensibilidade e banalidade do mal. Para isso faremos o uso dos textos *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1999) da autora Hannah Arendt e *Experiência e pobreza*, de Walter Benjamin (1987). Assumindo esses referenciais bibliográficos podemos partir, portanto, para o desenvolvimento da terceira e última etapa deste estudo, onde faremos notas críticas sobre o referido fenômeno da barbárie da insensibilidade e da banalização do mal, transpondo tais reflexões para o presente, enfatizando a grande necessidade de pensarmos e refletirmos esses conceitos tão atuais.

RESULTADOS E DISCUSÃO

1. Experiências de insensibilidade humana e banalização do mal relatadas na obra “Maus: a história de um sobrevivente”

Maus: a história de um sobrevivente, de Art Spiegelman, é uma história em quadrinhos baseada em fatos reais, que narra parte da vida do pai do referido autor, Vladek Spiegelman, um judeu polonês que vivenciou

fisicamente e psicologicamente o período nazista e repressor da Segunda Guerra Mundial, ao qual conseguiu sobreviver. Essa história em quadrinhos, também denominada novela gráfica, tem como personagens principais: os judeus, caracterizados como ratos; os nazistas, caracterizados como gatos e os poloneses não-judeus, caracterizados como porcos. (UMBACH, 2013, p. 47)

O auge dramático da referida obra está na narrativa do período em que Vladek ficou preso no campo de concentração de Auschwitz, um gigantesco campo de extermínio que os nazistas alemães projetaram durante a Segunda Guerra Mundial com o intuito de produzir uma *Solução final* para todos aqueles sujeitos que cultural ou politicamente não se encaixassem no ideário nazista: os judeus, os homossexuais, os ciganos, os negros, dentre outros. Nos relatos de Vladek Spiegelman, podemos observar a estrutura fria e calculista do sistema burocrático desse campo de concentração. Antes de adentrar em Auschwitz, os judeus já sofriam terríveis experiências, estando sempre em constantes fugas, se escondendo dos soldados nazistas que buscavam judeus para levar a Auschwitz. Todo o relato manifesto na obra mostra a insensibilidade dos alemães (e também dos amedrontados poloneses) que direta e indiretamente viabilizaram as perseguições, prisões e assassínios desses grupos.

Como bem revela a obra *Maus*, no que tange os campos de concentração, os soldados nazistas recebiam ordens e as executavam, não refletindo seus terríveis atos, agindo como monstruosos criminosos que “apenas seguiam ordens”, conforme confessou Eichmann em seu julgamento. A obra desvela as atitudes insensíveis dos soldados alemães para com o povo judeu que estava sob sua “custódia”. Ao deportá-los, por exemplo, nos campos de concentração, esses soldados eram – em geral – incapazes de revelar empatia, e nem mesmo as crianças escapavam de tamanhas crueldades – conforme podemos ver na ilustração abaixo (SPIEGELMAN, 2005, p. 110).



JOIN

ENCONTRO INTERNACIONAL DE
JOVENS INVESTIGADORES
EDIÇÃO BRASIL



A sociedade alemã dominada por um regime totalitário nazista, foi facilmente persuadida pelo discurso de ódio aos judeus, sendo este discurso absorvido e transmitido de pai para filho. Era ensinado as crianças que os judeus eram um povo mal, desde muito cedo adquiriram a experiência da barbárie de insensibilidade, pois viam a perseguição de um povo e a banalizava (SPIEGELMAN, 2005, p. 151).



Na próxima ilustração, o guarda alemão joga o gorro de um dos prisioneiros para depois matá-lo. O livro nos relata que muitos dos guardas faziam isso para ganhar congratulações e férias por impedir fuga. É bem visto a mortificação dos sentimentos dos guardas; crimes tornavam-se banais e corriqueiros, sendo os mesmos incapazes de sentir a dor do próximo (SPIEGELMAN, 2005, p. 195).



JOIN

ENCONTRO INTERNACIONAL DE
JOVENS INVESTIGADORES
EDIÇÃO BRASIL



Os campos de concentração foram construídos de maneira fria e calculista, projetados para matar milhares de judeus. Tudo era realizado da forma mais insensível e banal que podemos imaginar; os próprios prisioneiros tinham que dar um destino final aos corpos e aqueles que ainda conseguiam ficar vivos, tinham de pular na cova para serem queimados vivos. Essa cena de horror se repetia todos os dias, tornando-se cada vez mais corriqueira, mas nenhum dos guardas se compadeciam ou se sensibilizavam diante desse triste cenário. A normalidade daqueles que projetaram e executaram esse projeto funesto, nos faz refletir acerca do discurso dos nazistas, de que todos os que contribuíram para esta barbárie estavam apenas cumprindo seus deveres como cidadãos; mesmo que para isso fosse necessário maltratar e tirar a vida do próximo. Todos os que participaram cumpriam com eficiência o dever de matar de milhares de judeus (SPIEGELMAN, 2005, p. 232).



2. Análise dos conceitos de insensibilidade e banalização do mal presentes na obra “Maus” a partir dos conceitos de experiência de Walter Benjamin e banalidade do mal de Hannah Arendt

A incapacidade de sensibilizar-se para com o outro se manifesta em inúmeras cenas dentro do campo de concentração de Auschwitz; nelas se observam intensa barbárie, que Benjamin associa à pobreza de experiências. Vimos que apesar das inúmeras cenas de horror que aconteciam na frente dos soldados nazistas, uma espécie de “escudo” os impossibilitava de sentir a dor do prisioneiro, de modo que pareciam totalmente desprovidos de empatia. Eram desprovidos do sentir, de sensibilizar-se e de se colocar no lugar do outro. Benjamin nos leva a intuir que as razões dessa postura incivilizada estavam exatamente na racionalização de um propósito maior, a saber, a causa nazista. Na concepção benjaminiana, assim é o sujeito da experiência:

O sujeito da experiência, se repassarmos pelos verbos que Heidegger usa neste parágrafo, é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera. Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade (BONDÍA, 2002, p. 25).

Nesse trecho, um sujeito incapaz de experiência é um sujeito, erguido, confiante, sempre em pé, semelhantemente aos nazistas, anestesiados e autodeterminados, os mesmos não se importavam com as suas terríveis práticas, pois como já supracitado essa postura estava ligada a um propósito maior – obedecer ao seu líder, Hitler. Nessa linha de pensamento, podemos atrelar o conceito da pobreza de experiências ao conceito de banalidade do mal de Hannah Arendt, pois essa autora afirma em sua obra que os indivíduos que praticavam as atrocidades contra o povo judeu, não eram indivíduos aparentemente monstruosos, mas sim, pessoas eficientes, organizadas, erguidas, burocratas, normais e comuns. Pois afirmavam em sua defesa que apenas recebiam ordens e as executavam, não carregavam a culpa de seus crimes, pois estavam

insensibilizados, anestesiados, incapazes de sentir a dor e o sofrimento de um povo maltratado – eram incapazes de refletir seus atos, incapazes de pensamentos.

Em “Maus” podemos analisar a frieza com que os nazistas tratavam o povo judeu, a banalidade do mal era refletida em suas atitudes. Como já visto na página 110 da obra “Maus: a história de um sobrevivente”, a prática funesta revelava a monstruosidade de seus atos, porém esses mesmos indivíduos capazes de matar crianças de forma tão cruel, eram também pais de família (como o era Eichmann), e muitas das vezes homens amorosos, foi essa normalidade dos indivíduos que assustou Arendt – atônita:

Ao analisar a personalidade de Eichmann, colocou-a em busca de outros modelos explicativos para o mal, para além do determinismo histórico e da distorção ideológica do nazismo, negando as teorias do mal como patologia, possessão demoníaca, determinismo histórico ou alienação ideológica. (ANDRADE, 2009, p. 3).

Assim, Arendt inicia um longo percurso para demonstrar que o mal não pode ser explicado como uma fatalidade, mas sim caracterizado como uma possibilidade da liberdade humana (ANDRADE, 2009, p. 3). O mal “é como um fungo, não tem raiz, nem semente” (ANDRADE apud KOHN, 2001, p. 14), mas espalha-se sobre uma superfície específica, a massa de cidadãos inaptos para a capacidade de pensar e incapazes de dar significado aos acontecimentos e aos próprios atos (ANDRADE apud ASSY, 2001, p. 152).

Era fundamental compreender o tipo de mentalidade de homens como ele, isso poderia contribuir para evitar que mais indivíduos com esse perfil encontrassem espaço em outras organizações criminosas como foi o nazismo, que transformou seres humanos em algo supérfluo, conforme será explicitado adiante. Além disso, é importante ressaltar sobre o cuidado que se deve ter para que não haja “um Eichmann dentro de cada um de nós” (TIZZO apud ARENDT, 2013, p. 309).

CONCLUSÕES

A partir das notas críticas que tecemos, podemos concluir que é de extrema necessidade investigar e tentar compreender o fenômeno da barbárie do holocausto, pois hodiernamente não estamos isentos de presenciarmos atrocidades semelhantes à do passado, tendo em vista o mundo líquido em que vivemos. Atualmente, as relações sociais encontram-se abaladas pela insensibilidade humana e banalidade do mal: todos os dias somos bombardeados por informações acerca de assuntos,

como a violência, guerras, fome e não é incomum que muitos de nós não nos sintamos tocados, deixando os sentimentos de sensibilidade serem mortificados pela banalidade e deixando com que coisas que não são comuns se tornem banais, o que é um perigo, segundo Hanna Arendt, para quem a banalização dos atos incomuns (especialmente os maus), é um perigo civilizatório.

“Será que nossa capacidade de julgar, de distinguir o certo do errado, o belo do feio depende de nossa capacidade de pensar?” (ARENDDT, 1993, p. 146) – diante desse questionamento, Hannah Arendt nos faz refletir acerca de uma sociedade que foi incapaz de julgar e distinguir suas praticas condenáveis – ou seja, incapazes de pensamentos. Mediante um discurso persuasivo de um estado totalitário, aqueles que executaram o projeto de solução final foram incapazes de refletir acerca de seus atos, pois diziam ser apenas cumpridores de ordens, dado como exemplo o caso de Eichmman.

Nesse sentido, a obra *Maus* de Art Spiegelman nos é extremamente relevante para repensarmos nossa postura ética e estética frente aos fenômenos humanos de insensibilização e barbárie. Na referida obra, os guardas não refletiam sobre as inúmeras mortes que promoviam nos campos de concentração (no caso da obra, em Auschwitz) e muito menos demonstravam sentimento de culpa por seus atos. Conforme revela o exemplo de Eichmann, apenas seguiam o regulamento dos campos, as normas da ideologia imperialista de supremacia da raça alemã. Nessa esteira, o extermínio de milhares de vidas revelava-se algo banal e rotineiro, assunto meramente burocrático, perspectiva bem retratada na narrativa de Art Spiegelmann. Aliás, por relatar a experiência vivida pelos próprios pais (que eram judeus) no campo de Auschwitz, o autor transpõe aos seus quadrinhos a densidade sentimental de alguém marcado pelas barbáries dos campos de extermínio. É uma obra privilegiada ao intento de provocar os sujeitos à necessidade de repensar os pressuposto civilizatórios. Se na modernidade, o sonho iluminista de uma humanidade civilizada estava alicerçado na crença de que o investimento na razão humana susteria todo esse objetivo, as experiências de barbáries racionalizadas manifestas no século XX (como as vividas nos campos de concentração) revelaram os limites desse pressuposto, os riscos de uma civilização que racionaliza demasiadamente seu *modus vivendi* em detrimento do cultivo de seres humanos mais sensíveis. Nesse ponto, a obra *Maus* nos faz uma provocação estética extremamente relevante: ela nos projeta à experiência de (in)sensibilidade extrema que marcou os envolvidos em Auschwitz, como Vladek e todos os demais personagens da obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3. ed. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANDRADE, M. **A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas**. Revista Brasileira de Educação v.15, n.43, jan./abr. 2010.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. Pref. de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119 (Obras escolhidas)

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. Trad. Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

UMBACH, Rosani K. et al GERHARDT, Carla C. **Uma leitura de maus: a história de um sobrevivente**. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 22 - 2013.

TIZZO, Fabiano Miranda do N. **Banalidade do mal e o julgamento de Eichmann**. Revista Brasileira de Sociologia do Direito, v. 4, n. 1, jan./abr, 2017.